

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E EDUCAÇÃO HUMANIZADORA: PROTAGONISMO LINGUÍSTICO E EMANCIPATÓRIO EM TEMPO DE CRISE

PORTUGUESE LANGUAGE TEACHING AND HUMANIZING EDUCATION: LINGUISTIC AND EMANCIPATORY PROTAGONISM IN TIMES OF CRISIS

Rosana Helena Nunes¹
Kleber Aparecido da Silva²

Resumo: Este artigo objetiva refletir sobre o ensino remoto, em Língua Portuguesa, nesse contexto, de pandemia da Covid-19. Para tanto, apresentar-se-á uma análise de diários de bordo de alunos de 1º semestre de cursos tecnológicos. O artigo dividir-se-á em três partes. A primeira, estudos desenvolvidos por Rajagopalan (2003), Pennycook (1998; 1999) *et al.* para melhor elucidar a educação linguística, como ponto crucial de discussão acerca do ensino de Língua Portuguesa. A segunda parte, relaciona-se à análise dos depoimentos de alunos de faculdade de tecnologia com relação ao uso da ferramenta *Teams*, adotada pelo Centro Paula Souza, para a modalidade de ensino remoto. E, a última parte, a apresentação de um Projeto de Oficina de Leitura, desenvolvido por alunos de 1º semestre, em Comunicação e Expressão. Assim, além da ênfase ao ensino remoto, buscar-se-á evidenciar a importância do trabalho com projetos, no ensino da língua materna, em cursos tecnológicos.

Palavras-chave: língua portuguesa; educação humanizadora; tempo de crise; protagonismo linguístico

Abstract: This article aims to reflect on remote teaching, in Portuguese, in this context, of the Covid-19 pandemic. To this end, an analysis of logbooks of students in the 1st semester of technological courses will be presented. The article will be divided into three parts. The first, studies developed by Rajagopalan (2003), Pennycook (1998; 1999) *et al.* to better elucidate linguistic education, as a crucial point of discussion about Portuguese language teaching. The second part, relates to the analysis of the testimonies of students of technology college regarding the use of the Teams tool, adopted by the Paula Souza Center, for the remote teaching modality. And, the last part, the presentation of a Reading Workshop Project, developed by 1st semester students, in Communication and Expression. Thus, in addition to the emphasis on remote teaching, we sought to highlight the importance of working with projects, in the teaching of the mother tongue, in technological courses.

Keywords: Portuguese language; humanizing education; crisis time; linguistic protagonism

¹ Doutora em Língua Portuguesa. Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo (FATEC). E-mail: rosananunes03@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1800-3296>.

² Doutor em Estudos Linguísticos. Universidade de Brasília (UnB). E-mail: kleberunicamp@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7815-7767>.

INTRODUÇÃO

O contexto mundial vivencia o momento da pandemia da Covid-19 e reflete diretamente nas diferentes instâncias da sociedade. A educação, que representa a mola propulsora da sociedade, depende de investimento, políticas públicas que possam melhor coibir as dificuldades aparentes desse momento e proporcionar um ensino de qualidade. A saúde, à mercê da “política da governança”, aguarda uma transformação para melhor atender à população, sobretudo, a de baixa renda que depende de hospitais da rede pública.

Ao considerar a Educação Profissional e Tecnológica, esta sempre esteve voltada a atender às necessidades do mercado de trabalho. O Centro Paula Souza, como uma autarquia do governo do estado de São Paulo, implantou a ferramenta *Teams* para o ensino remoto desde a data de 22 de abril de 2020. Com efeito, este artigo tem por objetivo apresentar a análise de depoimentos de alunos do ensino superior tecnológico em relação ao uso da plataforma digital da Microsoft, a ferramenta *Teams*, bem com a reflexão que se abre acerca das implicações e interfaces dessa nova modalidade de aula, além das políticas públicas que se relacionam com essa implantação de ferramentas digitais para o ensino remoto.

O cenário da educação brasileira reflete o período colonial em que ainda se considera um ensino dogmático e conservador. A escola ainda preserva sua raiz colonial em diferentes contextos do processo de ensino e aprendizagem de línguas. Em se tratando do ensino de Língua Portuguesa, isso não é diferente, ou seja, persiste-se em metodologias que não propiciam ao aluno engajar-se em processos de comunicação oral, escrita, e por que não dizer a própria comunicação virtual.

Fala-se em diversos domínios de ferramentas digitais para o ensino de línguas, em especial, àquelas voltadas aos recursos tecnológicos, ao considerar que o uso desses recursos possibilita um ensino de qualidade. Entretanto, os tempos são diferentes em momento de pandemia da Covid-19. O ensino tomou uma outra direção por meio de plataformas digitais e não se deve salientar que o uso de plataformas digitais corresponde a uma forma diferenciada para as aulas, ou seja, as metodologias ativas muito recorrentes no ensino tecnológico já estão há algum tempo a fazer parte das aulas em cursos tecnológicos. Com efeito, não são propriamente as metodologias ativas que

propiciam um ensino de qualidade, e sim a forma como esse ensino reflete na construção do conhecimento do aluno.

Nesse cenário de pandemia, há de se considerar uma mudança substancial no processo de ensino e aprendizagem, ou seja, a aula transformou-se em ensino remoto e as plataformas digitais tornaram-se a única condição para que o ensino continuasse e os alunos pudessem agregar novos conhecimentos. A sala de aula corresponde a própria residência tanto de professores como a de alunos. As condições de ensino nem sempre são satisfatórias, uma vez que há alunos que conseguem assistir às aulas pelo smartphone, até propriamente em diferentes espaços sociais e profissionais. O que dizer dessa nova direção para o aprendizado, já que o isolamento social proporcionou essa forma de trabalho, ou seja, a pedagogia do teletrabalho?

Sob essa perspectiva, este capítulo objetiva refletir sobre o ensino remoto, em Língua Portuguesa, nesse contexto, de pandemia da Covid-19. Para tanto, apresentar-se-á uma análise de diários de bordo de alunos de 1º semestre de cursos tecnológicos. O artigo dividir-se-á em três partes. A primeira, estudos desenvolvidos por Rajagopalan (2003), Pennycook (1998; 1999) et al. para melhor elucidar a educação linguística, como ponto crucial de discussão acerca do ensino de Língua Portuguesa. A segunda parte, relaciona-se à análise dos depoimentos de alunos de faculdade de tecnologia com relação ao uso da ferramenta *Teams*, adotada pelo Centro Paula Souza, para a modalidade de ensino remoto. E, a última parte, a apresentação de um Projeto de Oficina de Leitura, desenvolvido por alunos de 1º semestre, em Comunicação e Expressão. Assim, além da ênfase ao ensino remoto, buscar-se-á evidenciar a importância do trabalho com projetos, no ensino da língua materna, em cursos tecnológicos.

Assim, o capítulo divide-se em três partes constitutivas. A primeira, estudos desenvolvidos por alguns autores Linguística Aplicada Crítica (LAC) para melhor elucidar a educação linguística, como ponto crucial de discussão sobre o ensino de Língua Portuguesa, em tempo de crise da pandemia da Covid-19. A segunda parte, relaciona-se à análise dos diários de bordo, produzidos por alunos de faculdade de tecnologia, com relação ao uso da ferramenta *Teams* na modalidade do ensino remoto. E, a última parte, a apresentação de um Projeto de Oficina de Leitura, trabalho

desenvolvimento com alunos de 1º semestre, na disciplina de Comunicação e Expressão. Nessa parte, buscar-se-á evidenciar a importância do trabalho com projetos, no ensino da língua materna, em cursos tecnológicos.

POLÍTICA LINGUÍSTICA E LINGUÍSTICA APLICADA CRÍTICA: PERSPECTIVAS PARA O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Os primeiros trabalhos sobre política linguística remontam aos estudos relacionados à área da Sociolinguística. O primeiro trabalho que merece destaque, em Sociolinguística, foi o do norte americano William Labov na década de 60. A década de 60 representa um marco para estudos relacionados à função social da linguagem, em que se privilegia a questão da variação linguística e o surgimento das primeiras discussões sobre a heterogeneidade da língua. Labov, em seus estudos sobre a variabilidade linguística, preocupa-se com as diferenças entre a língua padrão e não padrão e o que isso representa para a comunicação entre os falantes, ou seja, os estudos remetem-se à questão do preconceito linguístico.

Labov (1972) preocupou-se com a relação entre língua e sociedade e, dessa perspectiva, o estudo volta-se aos fatores determinantes linguísticos e extralinguísticos à análise de comunidades de fala. Trata-se de um estudo empírico em que o autor privilegia a análise da competência linguística de falantes do Gueto dos Estados Unidos e as diferenciações existentes nessas comunidades de fala para melhor elucidar a importância do estudo da língua, compreendendo-a como um fator de preconceito e, ao mesmo tempo, identidade e características próprias de comunidades de fala. Lagares (2018), em estudos relacionados a políticas linguísticas, ressalta que

(...) nos anos 1960, William Labov, fundador da sociolinguística variacionista, fez do seu trabalho descritivo, focado na explicação dos processos de mudança linguística, um instrumento de intervenção sociopolítica, ao testemunhar a favor do uso do inglês afro-americano escolas do Harlem, em Nova York. Esse engajamento com os instrumentos da descrição estrutural a “legitimidade” das suas práticas linguísticas, constitui um momento importante na tomada de consciência da relevância social da própria pesquisa, independentemente do olhar teórico sobre a língua que a animava. A reflexão acerca dos processos sociais de mudança linguística leva Labov a concentrar a atenção também nas intervenções provocadas pela imposição da norma-padrão, em relação às representações e às práticas linguísticas (LAGARES, 2018, p. 18).

Sabe-se que a língua representa a identidade de uma determinada comunicação linguística e isso reflete em formas de opressão pelo fato de a língua representar um instrumento de poder. Se, de um lado, a língua é um fator de ascensão social, dada aproximação do falante às diversas maneiras de utilizá-la, de outro, esta representa um fator de preconceito linguístico, quando a preocupação recai sobre a homogeneidade linguística: a imposição de ditames prescritivos. Dessa perspectiva, essa reflexão direciona-se às políticas linguísticas de uso da língua.

Rajagopalan (2003), ao realizar estudos referentes à Linguística Aplicada Crítica, salienta que a Linguística ocupa um papel de tornar-se um instrumento político na sociedade. Em tese, enquanto a Linguística preocupa-se mais com o caráter descritivo de estudos, a LAC tem o caráter mais prescritivo e interventor. Em outras palavras, a abordagem da LAC toma outra direção no que diz respeito ao ensino de língua. Se a Linguística Aplicada representava a descrição linguística e não propriamente a prescrição, desconsiderando a importância de a língua representar um ato político, a LAC corresponde as implicações de a língua representar uma atitude política e refletir a identidade de uma comunicação linguística.

O termo, *política linguística*, traz à baila um modo de melhor conscientização de ações que minimizem as línguas minoritárias a ocupar um espaço político-linguístico característico, ou seja, a variabilidade linguística, até então era vista como algo de caráter geográfico, social, cultural cujo foco era estudos voltados ao campo da Sociolinguística. Essa fase da Linguística representou um avanço significativo para os estudos da linguagem, entretanto, com a ampliação das possibilidades de a língua tornar-se algo dinâmico, polifônico, dialético, bem como o advento da era globalizada, trouxe outro formato para a comunicação humana. Isso denota diferentes formas de interação social que, por assim dizer, requerem condições diferenciadas no uso da língua, condições essas não apenas de natureza linguística e sim de natureza política.

Estudos comprovam que o campo da *política linguística* cresce à medida em que se percebe que a linguagem está diretamente ligada à *política*. Acerca disso, Kanavillil Rajagopalan (2013), em estudos dessa natureza, reconhece que a *política linguística* pertence à política e à área de estudo é a da ciência política. A política linguística, diferentemente dos objetivos propostos pela Linguística (ciência da linguagem), oriunda

de estudos desenvolvidos por Ferdinand de Saussure (1916), o interesse da política linguística corresponde a um campo de estudos que não se relacionam à linguística, embora o termo seja “política linguística” e, nesse termo, haja a palavra “linguística”, não se trata de uma ciência ou até propriamente ciência autônoma, como ocorre na linguística.

Rajagopalan (2013, p. 21) adverte que

Se a política em seu sentido geral pode ser caracterizada como a arte de conduzir a governança ou a administração de assuntos públicos de um estado, a política linguística é a arte de conduzir as reflexões em torno de línguas específicas, com o intuito de conduzir ações concretas de interesse público relativo à(s) língua(s) que importam para o povo de uma nação, de um estado ou ainda, instâncias transnacionais maiores.

Calvet (2007), em seu livro *Politiques linguistiques*, segundo livro traduzido no Brasil, define a política linguística como um conjunto de escolhas conscientes referentes às relações entre língua(s) e sociedade. Ressalta a ligação entre *língua e poder* e as relações históricas e sociais das línguas, estabelecendo em seu trabalho uma relação permanente entre teoria e prática. Trata-se de uma proposta interessante em torno de um linguista que parte do princípio de que as línguas existem para servir aos homens e não os homens para servir as línguas, e que a história destas é constituída pelas histórias de seus falantes. Dessa perspectiva, uma proposta de política linguística corresponde à implementação prática de uma política de intervenção humana na língua.

Ao considerar que a política representa a arte de conduzir as reflexões em relação às línguas específicas, reporta-se às políticas públicas que determinam as formas de uso da língua. Pensar nas relações sociais que a língua estabelece, é também acreditar que esta determina relações de poder, uma vez que,

Não seria totalmente justo acusar a linguística, apesar de suas fontes positivistas, de um completo afastamento das questões ético-políticas envolvidas na linguagem. Os efeitos políticos de suas pesquisas existem mesmo à sua revelia, na medida em que ela contribui para consolidar determinada cultura linguística e pode cancelar posições de poder e autoridade em relação às línguas. (LAGARES, 2018, p. 19).

Pennycook (1998), em estudos sobre a abordagem da *Linguística Aplicada Crítica* (LAC) e seus diferentes avanços e perspectivas, considera a visão da LAC, como prática problematizadora. O estudioso da linguagem concebe a língua como sendo inerentemente política e o poder, por assim dizer, relaciona-se a questões de classe,

raça, gênero, etnia, sexualidade etc. O estudioso ainda reforça que todo conhecimento é político e afirma que requer uma problematização da ideia de língua como mero reflexo da sociedade ou uma ferramenta de manipulação ideológica.

O autor enfatiza a relação entre a língua inglesa e as ideologias coloniais, já que o colonialismo trouxe diferentes formas de pensar, dizer, agir que perpassam pelas diversas culturas e discursos imbuídos de influência colonizadora. Como o estudioso tem por preocupação a língua inglesa, reconhece que o inglês como “marvellous tongue”, denominação para a língua na sua especificidade, chama a atenção para uma reflexão acerca dos processos hegemônicos, que representam tal denominação, ou seja, os discursos coloniais que determinam formas e práticas de ensino de língua inglesa no mundo.

Em outro estudo, Pennycook (1999) reconhece a importância de se considerar uma abordagem crítica no ensino de inglês que, por assim dizer, reflete um trabalho crítico em Linguística Aplicada (LA). Segundo o autor, esse trabalho corresponde propriamente ao poder da língua como uma ferramenta da vida social. Daí a necessidade de um trabalho que busque relacionar o ensino de inglês em relação às questões sociais e políticas, quando do contexto de ensino e aprendizagem de inglês como segunda língua. Entretanto, para o autor, isso não é suficiente para melhor ressaltar outras questões como: poder, acesso, desigualdade e resistência. Com efeito, torna-se necessário politizar o ensino de língua inglesa, não propriamente uma postura esquerdista, e sim refletir sobre as implicações éticas e políticas do professor de inglês em contextos micro e macro.

Aqui, garante-se a supremacia de uma língua em detrimento de outra, o que também corresponde à raiz coloquial da Língua Portuguesa, ou seja, majoritariamente, a língua inglesa representa o *status quo* com relação ao grau de importância do aprendizado desse idioma. Na segunda parte do artigo, a pretensão é a análise de diários de bordo de alunos de cursos tecnológicos e as implicações para o processo de aprendizagem da Língua Portuguesa na modalidade de ensino remoto.

ANÁLISE DE DEPOIMENTOS: DIÁRIO DE BORDO DE AULAS ONLINE

A ferramenta *Teams*, criada em 3 de novembro de 2016 pela Microsoft, foi implantada pelo Centro Paula Souza para o ensino remoto a partir de 22 de abril até propriamente 18 de junho/2020. O segundo semestre teve início no dia 17 de agosto/2020 a estender-se até 21 de dezembro/2020. Da data de implantação, houve a manutenção da ferramenta nos dias 27/08, 28/08, 29/08: as equipes foram excluídas e alunos também. Houve a necessidade de adicionar cada aluno nas equipes para que aula pudesse acontecer. Os diários de bordo, apresentados como um relato de experiência de uma semana com a ferramenta *Teams*, ocorreram em dois períodos: 24/08 a 29/08 e 31/08 a 04/09. Os primeiros, fazem referência a essa manutenção do sistema, no que tange às dificuldades para acesso às aulas *online* e matérias disponibilizadas pelos docentes das disciplinas.

Os segundos, ainda relatam os reflexos ocasionados por essa manutenção na ferramenta *Teams* da Microsoft. Dentre essas 3 Fatecs, há 7 equipes em que ministro aulas *online* – terminologia já está adequada à implantação da ferramenta *Teams*³ - todas produziram diários de bordo. Para análise, foram escolhidos alguns diários desenvolvidos por essas equipes e essa escolha foi feita pelo grau de proximidade entre os depoimentos, sem fazer menção ao curso e à Fatec, e sim apenas à análise propriamente em que o aluno pôde apresentar as primeiras impressões no uso da ferramenta *Teams* em aulas *online*. Trata-se de alunos que foram selecionados pelo currículo escolar, sem que houvesse a necessidade de prestar um vestibular para ingressar a um curso tecnológico.

Esses alunos do 2º semestre/2020 já iniciaram as aulas por meio do ensino remoto e o diário de bordo representou uma atividade solicitada na disciplina de *Comunicação e Expressão*. Como já ressaltado, o critério de escolha desses depoimentos corresponde, sobretudo, à forma como dialogam entre si, embora sejam alunos de diferentes cursos e as condições de aula, de certo modo, sejam diferentes em relação às especificidades de cada curso, estabelece-se um parâmetro de análise e a semelhanças entre as informações.

Assim, a proposta foi a de fazer um relato de aulas *online* por meio da ferramenta *Teams* e a implicação dessa forma de aula em relação ao processo de ensino e

³ As denominações correspondem à ferramenta *Teams* da Microsoft: equipe, para referir-se à sala de aula, canal, a aula da disciplina; chat, representa a lousa de uma sala de aula; microfone e câmera, são recursos utilizados pelo professor e alunos durante a aula, entre outros recursos multimodais.

aprendizagem em Língua Portuguesa, bem como as adequações necessárias ao uso da ferramenta pelos alunos: internet lenta, uso de *smartphone*, pacote da internet, espaço (residência) para assistir as aulas *online*, etc. Neste segundo semestre, propôs-se que cada aluno fizesse um diário de bordo, no período de uma semana de aula com a ferramenta *Teams*, apresentando suas impressões com relação às dificuldades aparentes. A comanda, que foi proposta aos alunos, foi da seguinte forma:

Fazer um diário de bordo em que apresente as adaptações com relação ao uso da ferramenta *Teams* no período de uma semana de aula. Desse modo, registrar as aulas com a ferramenta *Teams* em relação às dificuldades, facilidades encontradas. Não há necessidade de fazer menção às disciplinas e aos professores que as ministram.

O primeiro diário de bordo apresenta o seguinte relato semanal:

Diário de bordo 1

24 de agosto de 2020 (Segunda-feira): Teams funcionou corretamente, sem falhas, a aula teve um bom andamento, assim que encerrou, consegui ingressar normalmente nas duas últimas aulas.

25 de agosto de 2020 (Terça-feira): Consegui ingressar normalmente e assisti as aulas sem problemas.

26 de agosto de 2020 (Quarta-feira): Tivemos apenas duas aulas, e depois estávamos meio perdidos, pois não havia nenhuma aula no Calendário do Teams, nem mesmo as duas primeiras aulas constavam.

27 de agosto de 2020 (Quinta-feira): O Teams apresentava erros, sumiram algumas equipes, porém com esforços dos Professores tivemos aulas.

28 de agosto de 2020 (Sexta-Feira): Sumiram todas equipes do Teams, assim como os materiais de estudo e apostilas, mas conseguimos ter aulas, no chat sumiam as mensagens ou atrasavam.

29 de agosto de 2020 (Sábado): As Equipes do Teams começaram a ser inseridas, assim como o Calendário, parcialmente os materiais de estudos estão voltando a ser postados.

Como já salientado, a ferramenta *Teams* foi adaptada ao ensino remoto, implantada no 1º semestre/2020. Essa manutenção trouxe uma interferência na organização das aulas, uma vez que as equipes foram excluídas, o que trouxe como consequência para o desenvolvimento das atividades tanto aos alunos como também para os docentes. Essa “exclusão” das equipes foi feita sem que houvesse um aviso antecipado para que as faculdades de tecnologia pudessem ter uma organização mais efetiva e pudessem se preparar para essas ocorrências com as adaptações necessárias ao funcionamento do ensino remoto.

O aluno, ao afirmar “*Tivemos apenas duas aulas, e depois estávamos meio perdidos, pois não havia nenhuma aula no Calendário do Teams, nem mesmo as duas primeiras aulas constavam*”, trouxe também um “mal estar” aos docentes que, de alguma forma, buscavam minimizar essa situação e houve a necessidade de inserção de cada aluno nas equipes manualmente. E ainda, reitera-se isso ao ressaltar: “*O Teams apresentava erros, sumiram algumas equipes, porém com esforços dos Professores tivemos aulas*”. Nota-se que os dias 27/08, 28/08 e 29/08, as ocorrências foram inúmeras de falha na ferramenta, ocasionadas pela manutenção do sistema. Demonstra-se isso nas partes referentes a esses dias em relação ao depoimento do aluno.

Diário de bordo 2

Pelo que observei nesta ferramenta com certeza, é que se trata de algo muito bom, que nos auxilia nestes tempos de pandemia, porém as dificuldades que tem apresentado atrapalham no acompanhamento das aulas, como por exemplo: travamento, as dificuldades de conexão (mesmo com boa internet), não estar inscrito no calendário, tendo que pedir aos colegas para convidar.

Dia 24/08 – Houve travamento no sistema, a internet estava boa, porém a aula travava direto.

Dia 2/08 – Não havia aulas no calendário Teams, tive que acessar a aula através do link que enviaram no grupo, pois não aparece para mim.

Dia 26/08 – Não havia aulas no calendário Teams, além de estar lento. Ocorrendo a mesma situação do dia 25, sem acesso a aula direto do calendário.

Dia 27/08 – Lentidão no Teams. Tive problemas para ativar o áudio quando necessário, aparecia depois de minutos o áudio ligado.

Dia 28/08 - Aula fora do calendário, não tive acesso a aula e entrei pelo link que os colegas de curso passaram.

O segundo diário de bordo faz referência a essas dificuldades de acesso às aulas *online* pela ferramenta *Teams*, em especial, nos dias acima destacados. O aluno reconhece que a ferramenta apresenta algumas vantagens, quando da sua implantação para o ensino remoto em época de pandemia da Covid-19, porém as dificuldades acarretam inúmeras falhas no acompanhamento às aulas *online*: “... *como por exemplo: travamento, as dificuldades de conexão (mesmo com boa internet), não estar inscrito no calendário, tendo que pedir aos colegas para convidar*”. Antes propriamente dos dias mencionados de manutenção do sistema (27/08 a 29/08), já havia situações de

desconforto com relação ao uso da ferramenta: *“Houve travamento no sistema, a internet estava boa, porém a aula travava direto (24/08)”*; *“Não havia aulas no calendário Teams, tive que acessar a aula através do link que enviaram no grupo, pois não aparece para mim” (25/08)*; *“Não havia aulas no calendário Teams, além de estar lento. Ocorrendo a mesma situação do dia 25, sem acesso a aula direto do calendário” (26/08)*.

Nos dias de manutenção, o relato do aluno reforça essa situação de instabilidade na plataforma e, sobretudo, a forma pela qual a ferramenta apresentava inadequações quanto ao uso para as aulas online. *“27 de agosto de 2020 (Quinta-feira): O Teams apresentava erros, sumiram algumas equipes, porém com esforços dos Professores tivemos aulas”. 28 de agosto de 2020 (Sexta-Feira): Sumiram todas equipes do Teams, assim como os materiais de estudo e apostilas, mas conseguimos ter aulas, no chat sumiam as mensagens ou atrasavam”*.

A partir do terceiro diário de bordo, as datas referem-se ao período de 31/08 a 04/09. O terceiro diário de bordo, escolhido para análise, reflete algumas dificuldades já ocorridas, quando dos dias de manutenção da plataforma da Microsoft.

Diário de bordo 3

Dia 31/08 - Ao entrar na aula, meu microfone ligou sem minha permissão, um erro talvez? Fora isso não tive outros problemas

Dia 1/09 - Me perdi vez ou outra procurando por minhas tarefas, mesmo que o MSTeams seja uma ferramenta simples, o layout do mesmo pode ser bem confuso as vezes.

Dia 2/09 - Pessoas via chat, reclamaram de problemas na conexão no vídeo de alguns professores, eu felizmente, não tive problemas.

Dia 3/09 - Nossa equipe resolveu ir para uma ligação em outro software para fazer as tarefas, já que o Teams é mais complicado no sentido troca de imagens via chat

Dia 4/09 - Alguns professores tiveram alguns problemas no envio das tarefas, mas eventualmente tudo se resolveu. Nesse mesmo dia nosso grupo entrou em um debate super construtivo para saber se é certo comer Panetone fora de época.

Nesse relato do dia 31/08, o aluno deixa uma pergunta, por vezes, com uma suposta resposta com relação aos problemas decorrentes do uso da plataforma, ao descrever essa data: *“Ao entrar na aula, meu microfone ligou sem minha permissão, um erro talvez?”*. Os alunos, nesta data do 2º semestre, ainda não estavam adaptados ao novo formato de aula, porém houve uma capacitação para melhor adequação e foram

apresentados os recursos disponíveis ao uso da ferramenta *Teams*. Daí o “estranhamento”, ao dizer que o microfone havia funcionado sem a sua permissão.

Em se tratando de recursos da ferramenta, o aluno considera que isso nem sempre se torna algo de fácil acesso às aulas *online*: “*Me perdi vez ou outra procurando por minhas tarefas, mesmo que o MTeams seja uma ferramenta simples, o layout do mesmo pode ser bem confuso as vezes. Nossa equipe resolveu ir para uma ligação em outro software para fazer as tarefas, já que o Teams é mais complicado no sentido troca de imagens via chat. Dia 2/09 - Pessoas via chat, reclamaram de problemas na conexão no vídeo de alguns professores, eu felizmente, não tive problemas*”.

Diário de bordo 4

Dia 31/08 - Tive problemas em acessar o chat. O símbolo que indica o carregamento do mesmo mostrou-se fixo. A solução foi acessar o bate papo através da sala fora da reunião, quando executei esse procedimento o chat dentro da reunião carregou também.

Dia 1/09 - Tudo correndo bem com o aplicativo. A aula não apareceu em meu calendário, precisei acessar através da aba de equipes. O vídeo do professor é de qualidade extremamente duvidosa.

Dia 2/09 - O aplicativo tem se mostrado de diversas vezes problemáticos, mas fica muito claro o quanto a maestria do professor influência nesse processo. Recebemos diversos materiais de estudo na aba designada somente a tarefas para entregar. A divisão das coisas tem me deixado confuso e estou com medo de me perder nessa falta de organização.

Dia 3/09 - O problema com o chat voltou a acontecer, rapidamente foi solucionado pois descobri o segredo no dia 31/08, bastou aplicar a mesma resolução.

Dia 4/09 - O vídeo do professor estava travando demais, a transmissão lenta era provavelmente fruto de sobrecarga na rede de dados, o professor justificou dizendo que em sua casa todos estavam em reuniões diferentes cada um na própria máquina, esclarecendo a lentidão e readequando a aula para não prejudicar os alunos.

No quarto diário de bordo, percebe-se que as dificuldades persistem com relação ao uso da ferramenta *Teams* às aulas *online*. Os relatos do aluno demonstram essa ocorrência: “*Tive problemas em acesso o chat*”. “*O símbolo que indica o carregamento do mesmo mostrou-se fixo*”. “*A solução foi acessar o bate papo através da sala fora da reunião, quando executei esse procedimento o chat dentro da reunião carregou também.*”

Como já ressaltado, a manutenção aconteceu nos dias 27, 28 e 29 de agosto e ainda o relato do aluno quanto ao calendário das aulas: “*... A aula não apareceu em meu*

calendário, precisei acessar através da aba de equipes”. “O vídeo do professor é de qualidade extremamente duvidosa”. Quando o aluno faz menção ao vídeo do professor, reflete o material didático utilizado às aulas, entretanto, há de se considerar que a adaptação ao ensino remoto representa um processo em que docentes e discentes vivenciam um momento de pandemia. Implanta-se uma ferramenta para o ensino remoto e os docentes também se encontram em situação de adaptação, buscando a melhor forma de desenvolver as aulas e possibilitar a construção de conhecimento em relação aos conceitos estudados.

Diário de bordo 5

Dia 31/08 - Estou tentando me adaptar a ferramenta apesar de estar sendo difícil. Hoje tive uma certa dificuldade para entrar na Aula.

Dia 1/09 - Hoje meu Teams acabou fechando durante a aula e demorou diversas vezes para abrir, tive de reiniciar o computador para que o mesmo abra novamente.

Dia 2/09 - O Teams anda travando de diversas formas, trava quando saio de uma reunião e início em outra, as atividades andam demorando de chegar, desde o momento que o professor os coloca em tarefas.

Dia 3/09 - No dia de hoje, o áudio anda travando, mas não é pela internet, é como se o teams abaixasse o áudio da professora, e então aumentasse novamente, como se o cortasse e o deixasse voltar segundos após

Dia 4/09 - Consigo entender as aulas, mas realmente ando tendo dificuldade, pelo fato de no presencial ser melhor, essas aulas a distância são realmente frustrantes, apesar de necessárias, mas certamente as aulas presenciais seriam mais produtivas.

O quinto diário de bordo corresponde às ocorrências já salientados em outros diários com relação aos recursos disponíveis da ferramenta *Teams*. Dentre essas ocorrências, destacam-se os relatos do aluno. No primeiro relato, o aluno dá ênfase propriamente à adaptação à ferramenta: *“Estou tentando me adaptar a ferramenta apesar de estar sendo difícil. Hoje tive uma certa dificuldade para entrar na Aula”*. No segundo, aso problemas ocasionados quanto ao uso da ferramenta: *“Hoje meu Teams acabou fechando durante a aula e demorou diversas vezes para abrir, tive de reiniciar o computador para que o mesmo abra novamente”*. No terceiro, reitera-se aos problemas decorrentes do acesso à plataforma: *“O Teams anda travando de diversas formas, trava quando saio de uma reunião e início em outra, as atividades andam demorando de chegar, desde o momento que o professor os coloca em tarefas”*. No quarto relato, enfatiza-se que o problema se relaciona à própria ferramenta e não o acesso à internet.

“No dia de hoje, o áudio anda travando, mas não é pela internet, é como se o teams abaixasse o áudio da professora, e então aumentasse novamente, como se o cortasse e o deixasse voltar segundos após”.

Diário de bordo 6

***Dia 31/08** - Começamos o dia hoje com medo, pois ontem a noite houve um problema na plataforma Teams e os alunos foram expulsos das suas equipes, porém a coordenação da Fatec foi muito eficiente e ficamos tranquilos, pois eles resolveram o problema muito bem e conseguimos ter todas as aulas sem complicações.*

***Dia 1/09** - A ferramenta Teams tem uma proposta boa e sua mecânica é simples, porém hoje tivemos problemas quanto a habilidade do professor com a ferramenta e isso acaba atrapalhando muitos alunos. Pois, o professor infelizmente não conseguiu fazer com que a aula fosse dinâmica em relação a usar a plataforma com facilidade, simplicidade e eficiência.*

***Dia 2/09** - Hoje foi um dia tranquilo de aula e bem aproveitado, com nenhum problema referente a ferramenta Teams. A ferramenta foi bem aproveitada pelos professores, onde tivemos uma aula com grande aprendizado, porém ainda é muito difícil se acostumar com aula pela internet; sinto que teria um melhor aprendizado a partir de aulas presenciais.*

***Dia 3/09** - Hoje foi um dia muito bom, com 100% de aproveitamento das aulas pela ferramenta Teams, porém ela ainda apresenta alguns problemas, mas são problemas que não atrapalham o aprendizado. São 13:07 e acabou de ser finalizada a aula de comunicação e expressão da professora Rosana; foi uma aula muito boa e dinâmica com um uso eficaz do Teams e, de outras tecnologias para a comunicação de grupos entre os alunos.*

***Dia 4/09** - Hoje foi um dia muito bom, com 100% de aproveitamento das aulas pela ferramenta Teams, porém ela ainda apresenta alguns problemas, mas são problemas que não atrapalham o aprendizado. São 13:07 e acabou de ser finalizada a aula de comunicação e expressão da professora Rosana; foi uma aula muito boa e dinâmica com um uso eficaz do Teams e, de outras tecnologias para a comunicação de grupos entre os alunos.*

O diário de bordo 6, além de descrever as dificuldades com a plataforma *Teams* já salientadas em outros relatos, este traz duas reflexões: a habilidade do docente com relação à ferramenta *Teams* e a didática utilizada na disciplina. Em outros termos, ressalta-se, nesse depoimento, a forma pela qual alguns docentes buscam minimizar as dificuldades aparentes sem perder de vista a metodologia a ser utilizada na aula, bem como a forma de melhor interagir com os alunos ao apresentar os conceitos referentes à disciplina. Nos relatos 1 e 2, o aluno dá ênfase a essa questão de determinados docentes não possuírem essas habilidades em aulas *online*: *“A ferramenta Teams tem uma proposta boa e sua mecânica é simples, porém hoje tivemos problemas quanto a*

habilidade do professor com a ferramenta e isso acaba atrapalhando muitos alunos. Pois, o professor infelizmente não conseguiu fazer com que a aula fosse dinâmica em relação a usar a plataforma com facilidade, simplicidade e eficiência”.

No relato 3, faz menção à disciplina *Comunicação e Expressão*: “*Hoje foi um dia muito bom, com 100% de aproveitamento das aulas pela ferramenta Teams, porém ela ainda apresenta alguns problemas, mas são problemas que não atrapalham o aprendizado. São 13:07 e acabou de ser finalizada a aula de comunicação e expressão da professora Rosana; foi uma aula muito boa e dinâmica com um uso eficaz do Teams e, de outras tecnologias para a comunicação de grupos entre os alunos*”. Nesse relato, o aluno ressalta a importância de uma aula interativa, dinâmica, em que os alunos participem, sobretudo, por se tratar de uma disciplina que envolve a interação e comunicação entre os alunos.

Isso denota que não apenas a ferramenta *Teams* representa, por vezes, um empecilho ao processo de ensino e aprendizado, e sim a forma como o docente busca apresentar os conceitos e fazer uso da ferramenta, ou seja, não somente a ferramenta é algo que impede o desempenho do aluno em aulas *online*, mas também a tentativa de buscar alternativas para um desempenho mais satisfatório dos alunos durante as aulas *online*. Deve-se considerar o estatuto da língua como fundamento primordial para a aprimoramento do saber e o aluno conscientizar-se de seu papel como sujeito a transformar-se por meio do aprendizado da língua.

Pennycook (2001), em estudos desenvolvidos sobre o estatuto da língua, admite que se trata de uma política linguística cujo fio condutor é o da relevância à condição de poder na sociedade. Para o autor, a língua corresponde a um ato político e, enquanto tal, representa o indivíduo como falante da língua. Ao salientar sobre as questões de estrutura, agência e resistência, o autor ressalta os principais objetivos de um trabalho crítico: identificar as estruturas sociais e ideológicas que não possibilitam maior reflexão acerca do ensino de língua. E acrescenta que todas as ações realizadas pelo indivíduo perpassam por questões mais amplas de poder social, ou seja, a língua é a condição do indivíduo de retratar-se, construir-se, identificar-se, porém também reconhecer-se como pertencente a determinada classe social e não poder participar de maneira igualitária em diferentes situações presentes na sociedade.

O autor ressalta a importância de se refletir sobre ambientes de reprodução de relações sociais do que propriamente ambientes voltados à transformação social. Daí as escolas operarem dentro de relações sociais mais amplas e isso pode contribuir com a manutenção do *status quo* e, dessa forma, atitudes de resistência e possíveis desigualdades sociais.

Diário de bordo 7

Dia 31 de agosto – Nesse dia a aula se iniciou às 19h00 e correu tudo bem, o Teams funcionou perfeitamente em todas as aulas e não houve nenhuma falha em chat ou em outro recurso da ferramenta.

Dia 1 de setembro – Na terça-feira a aula começou um pouco atrasada, às 19h10, e com o chat travado nas aulas, até dava pra ser usado, mas estava muito lento, fazendo que usássemos mais o microfone, além de que tive um problema de internet e com isso não consegui assistir a última aula do dia.

Dia 2 de setembro – Na quarta-feira a aula se iniciou no horário correto com a aula de Comunicação e Expressão e foi excelente, teve muita participação de nós, alunos, gerando assuntos muito importantes que foram discutidos com a professora, fazendo a gente parar e pensar em muita coisa que ocorre no mundo de hoje e nos tornando mais críticos. A ferramenta se comportou muito bem em todas as aulas também.

Dia 3 de setembro – Nesse dia a Professora Rosana nos deu uma aula sobre os textos de multimodalidade, sendo uma aula muito produtiva, além de decidirmos o tema para nosso resumo. A ferramenta se comportou bem novamente, tanto na aula da professora como na seguinte também.

Dia 4 de setembro – Na sexta-feira a plataforma se comportou bem novamente, a aula se iniciou no horário correto e tivemos bons aprendizados. Com isso o único problema da plataforma foi em relação ao chat na semana, fora isso, ele funcionou perfeitamente.

O diário de bordo 7 reitera-se a algumas dificuldades com a plataforma Teams e a ênfase às aulas em Comunicação e Expressão, segundo o relato apresentado pelo aluno: “Na quarta-feira a aula se iniciou no horário correto com a aula de Comunicação e Expressão e foi excelente, teve muita participação de nós, alunos, gerando assuntos muito importantes que foram discutidos com a professora, fazendo a gente parar e pensar em muita coisa que ocorre no mundo de hoje e nos tornando mais críticos. A ferramenta se comportou muito bem em todas as aulas também”. No relato da aula de 2 de setembro, salientou-se a participação dos alunos às aulas em relação aos conceitos estudados, uma vez que houve a interação com os assuntos abordados, assim também o relato do dia 3 de setembro: “Nesse dia a Professora Rosana nos deu uma aula sobre os

textos de multimodalidade, sendo uma aula muito produtiva, além de decidirmos o tema para nosso resumo. A ferramenta se comportou bem novamente, tanto na aula da professora como na seguinte também”.

Diário de bordo 8

Dia 31/08 - Aula ocorreu normalmente, professores utilizando apresentações de slides para dar a aula, sem nenhum problema envolvendo a plataforma Teams. Apenas um pouco de lentidão que já é de costume da plataforma Teams por exigir uso de memória e processamento da máquina.

Dia 1/09 - Ocorreram alguns problemas técnicos envolvendo a transmissão de vídeo da câmera de um dos professores, ao qual a transmissão ficava travando, não somente para mim, mas para os alunos no geral, nada que impedisse a aula de acontecer nesse dia.

Dia 2/09 - Aula ótima, sem nenhum problema aparente envolvendo a plataforma, todos se adaptando as aulas pela internet, professores utilizando lousas virtuais para explicar as matérias, tudo dentro dos conformes.

Dia 3/09 - Começamos o dia com a aula de Comunicação e Expressão, professora sempre muito atenciosa conosco alunos e nossas dúvidas, aula ocorreu normalmente e os grupos conseguiram se reunir na plataforma para se comunicar em relação às atividades

Dia 4/09 - Comecei a aula enfrentando alguns problemas com a plataforma Teams, o chat estava travado para mim, foi preciso reiniciar o programa para que eu conseguisse visualizar as mensagens, mas a aula foi excelente como de costume.

No diário de bordo 8, o aluno não apresenta tantas dificuldades com relação à ferramenta *Teams*, apenas uma ocorrência de problemas técnicos: “*Ocorreram alguns problemas técnicos envolvendo a transmissão de vídeo da câmera de um dos professores, ao qual a transmissão ficava travando, não somente para mim, mas para os alunos no geral, nada que impedisse a aula de acontecer nesse dia*”. Em outro relato da semana, o aluno reporta-se às aulas em Comunicação e Expressão, fazendo referência à didática utilizada pela professora às aulas *online*: “*Começamos o dia com a aula de Comunicação e Expressão, professora sempre muito atenciosa conosco alunos e nossas dúvidas, aula ocorreu normalmente e os grupos conseguiram se reunir na plataforma para se comunicar em relação às atividades*”.

Com base na análise dos diários de bordo, percebe-se que as dificuldades do ensino remoto se relacionam a duas questões fundamentais: a primeiro diz respeito ao acesso à ferramenta *Teams*, já a segunda, refere-se às metodologias de ensino aplicadas em aulas *online*. Persiste-se em aulas que não envolvem uma maior interação entre

docente e discente. Quando se propicia uma aula em que o aluno se torne protagonista, isso reflete em seu aprendizado e as aulas acontecem de forma mais participativa e interativa. Daí a importância de um ensino voltado a uma educação emancipatória, libertária e humanizadora. Em se tratando do ensino de Língua Portuguesa, considera-se a importância do trabalho com a língua materna por meio da Pedagogia de Projetos⁴.

A última parte do artigo apresentar-se-á uma proposta de trabalho em aulas de Língua Portuguesa, nas disciplinas de Comunicação e Expressão e Comunicação Acadêmica, sob a abordagem para uma educação humanizadora, ao acreditar que uma visão emancipatória e libertária promove a construção de conhecimento em que os sujeitos envolvidos também acreditem que podem modificar-se e engajar-se, no processo de ensino e aprendizagem da língua materna, por meio do trabalho em leitura e escrita acadêmicas. Pensar em uma forma diferenciada de trabalho com a língua materna, tendo em vista tratar-se de aplicar a Pedagogia de Projetos em aulas de Língua Portuguesa, é de incentivo à leitura de artigos acadêmicos voltados aos diferentes cursos tecnológicos, bem como o uso de ferramentas tecnológicas para o desenvolvimento de um trabalho dessa natureza.

PROJETO OFICINA DE LEITURA: PROTAGONISMO LINGUÍSTICO E EMANCIPATÓRIO EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Para os alunos do ensino superior tecnológico, propôs-se um trabalho de incentivo à leitura e os grupos deveriam propiciar o engajamento com ferramentas tecnológicas para a realização da oficina, uma vez que não seria possível a utilização de textos impressos e sim textos apresentados por meio de aplicativos em equipamentos eletrônicos. Cada grupo deveria apresentar os resultados obtidos com a aplicação de uma oficina de leitura, ao considerar o rendimento dos alunos com relação à interpretação de textos e a escolha dos textos seria um critério adotado pelo próprio

⁴ Os primeiros estudos relacionados a Pedagogia de Projetos datam do início do século passado, tendo como precursor o estadunidense John Dewey. Para o estudioso, a educação deve ser vista como um processo de vida não apenas para a preparação a vida futura. Fernando Hernandez (1998), em estudos dessa natureza, reconhece que a Pedagogia de Projetos se refere a um trabalho interdisciplinar em que se privilegia o processo de ensino e aprendizagem, no sentido de promover uma educação mais significativa e, ao mesmo tempo, auxiliar na formação integral do aluno, ou seja, na construção de sua identidade.

grupo, ou seja, os grupos escolheram os textos, segundo os temas mais apropriados às diretrizes do curso tecnológico.

O trabalho apresentou determinadas etapas para se chegar ao resultado final. Os grupos iniciaram a escrita do pré-projeto com as características propostas: *tema, objetivos, justificativa, referencial teórico e metodologia de análise*. O trabalho teve início com leituras de textos, sejam eles artigos acadêmicos, dissertação de Mestrado, tese de Doutorado e processo de busca pelos textos por meio do *Google acadêmico*. A primeira etapa, a pesquisa de artigos acadêmicos, no sentido de maior compreensão com relação ao estudo do tema proposta para estudo. A segunda etapa, a realização de uma oficina de leitura, aplicada a um grupo da sala, a partir de questões dissertativas e/ou de múltipla escolha, com o escopo de desenvolver gráficos referente ao grau de compreensão dos alunos por meio da ferramenta do *Google forms*. Por fim, a terceira etapa, a apresentação dos resultados obtidos com a aplicação da oficina de leitura e a entrega da produção final de um miniartigo, segundo um *template*⁵ apresentado aos alunos.

Com essa proposta para o ensino em Língua Portuguesa, acredita-se que o momento requer certa atenção no que diz respeito ao uso “desenfreado” de ferramentas tecnológicas, quando a preocupação deveria estar voltada a diferentes maneiras do trabalho com a língua materna. Com o avanço tecnológico, espera-se um indivíduo mais antenado diante das novas tecnologias e isso demonstra uma mudança de paradigma educacional, a aula torna-se *online*, a sala de aula corresponde à residência do professor e do aluno e os recursos são utilizados desde que haja condições propícias para tal intento. O professor passa horas a desenvolver atividades para atender ao ensino remoto e o aluno, por assim dizer, deve interagir a esse novo modelo de aula para que haja a aprendizagem.

Gramsci (1991), filósofo marxista, ao referir-se ao conceito de trabalho como fundamento básico e educativo à formação humana, reconhece que há uma tendência profissionalizante de educação aos filhos de operários da sociedade capitalista em

⁵ Palavra vem do inglês que corresponde a modelo de documento. Trata-se de um documento de conteúdo, com apenas a apresentação visual (apenas cabeçalhos por exemplo) e instruções sobre onde e qual tipo de conteúdo deve entrar a cada parte a ser desenvolvida. Foi apresentado aos alunos de 1º semestre um modelo de miniartigo, segundo as normas regulamentadas pela ABNT.

detrimento àqueles pertencentes às classes mais majoritárias da sociedade. O estudioso assevera que todos os homens são intelectuais, porém nem todos desempenham na sociedade propriamente a função de intelectuais. Dessa perspectiva, a formação intelectual do tecnólogo corrobora às ideias gramscianas, uma vez que é imprescindível o aperfeiçoamento de seus profissionais.

Ao propor a “escola do trabalho”, o filósofo destaca uma proposta de escola que formasse técnicos capazes de dominar sua arte, desenvolver cultura autônoma, concretizando uma unidade viva entre teoria e prática. Assim, a relação do homem com a natureza se dá pelo trabalho e pela técnica, além do conhecimento industrial se faz presente o filosófico e o científico, e a técnica é a expressão desse conhecimento. Para o autor, todo homem é um filósofo, pois possui condições de pensar, o que há são níveis de compreensão distintas que podem ser desenvolvidos ao longo da vida. Assim, na última fase da escola unitária de Gramsci, os alunos poderiam escolher disciplina intelectual, autonomia moral e orientação profissional.

[...] Assim, a escola criadora não significa escola de “inventores e descobridores”; ela indica uma fase e um método de investigação e de conhecimento, e não um “programa” predeterminado que obrigue à inovação e à originalidade a todo custo. Indica que a aprendizagem ocorre notadamente graças a um esforço espontâneo e autônomo do discente, e no qual o professor exerce apenas uma função de guia amigável, como ocorre ou deveria ocorrer na universidade. Descobrir por si mesmo uma verdade, sem sugestões e ajudas exteriores, é criação (mesmo que a verdade seja velha) e demonstra a posse do método; indica que, de qualquer modo, entrou-se na fase da “maturidade intelectual” na qual se pode descobrir verdades novas. (GRAMSCI, 1991, p. 124-125).

Ao referir-se aos intelectuais orgânicos, estes têm um papel de representar as classes minoritárias nas diferentes esferas da atividade humana: escola, religião, política, etc. Gramsci admite que não apenas o modo de produção capitalista interfere na instauração de processos hegemônicos, mas sim as próprias relações entre os poderes que determinam a ideologia da classe dominante. Com efeito, a proposta de uma educação humanizadora requer uma mudança substancial na forma pela qual o programa de curso se organiza, ou seja, a partir de uma ementa que nem sempre atende às necessidades de alunos de cursos tecnológicos, faz-se uma adequação e estabelece-se um trabalho diferenciado que pode corroborar a metodologias diferenciadas à luz de uma Pedagogia de Projetos. O ensino não pode mais firmar-se em abordagens predominante tradicionais, ou seja, a práxis educativa transformar-se para que possa

transformar o ensino de bancário à libertário e emancipatório. Paulo Freire (1987, p.83-84), ao acreditar que o educador é aquele sujeito que transforma, liberta os educandos, assevera que:

Para o educador-educando, dialógico, problematizador, o conteúdo programático da educação não é uma doação ou uma imposição – um conjunto de informes a ser depositado nos educandos – mas a devolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo daqueles elementos que este lhe entregou de forma desestruturada (FREIRE, 1987, p. 83-84).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo teve a pretensão de refletir sobre o ensino de Língua Portuguesa no contexto da Educação Profissional e Tecnológica, tendo em vista tratar-se de uma postura problematizadora, ética e, ao mesmo tempo, humanizadora para o processo de ensino e aprendizagem da língua materna. Em outros termos, buscou-se refletir sobre o ensino remoto, em momento de pandemia da Covid-19, no contexto do ensino tecnológico. O Centro Paula Souza, autarquia do estado de São Paulo, adotou a ferramenta *Teams* da Microsoft para as aulas *online*.

Sob essa ótica, o artigo apresentou três partes. A primeira, estudos desenvolvidos por alguns autores da Linguística Aplicada Crítica (LAC) para melhor elucidar a educação linguística, como ponto crucial de discussão sobre o ensino de Língua Portuguesa, em tempo de crise da pandemia da Covid-19. A segunda parte, relaciona-se à análise dos diários de bordo, produzidos por alunos de faculdade de tecnologia, com relação ao uso da ferramenta *Teams*, na modalidade do ensino remoto. Na análise dos relatos, pôde-se perceber que as dificuldades com relação à ferramenta *Teams* decorrem dos próprios recursos que a plataforma oferece e esses recursos, sobretudo, não são executados com eficiência: há falhas na plataforma para o ensino remoto. E, a última parte, a apresentação de Projeto de Oficina de Leitura, trabalho desenvolvido com alunos de 1º semestre de faculdades de tecnologia, na disciplina de Comunicação e Expressão. Nessa parte, buscou-se evidenciar a importância do trabalho com projetos, no ensino da língua materna, em cursos tecnológicos.

Além do período de três dias (27 a 29 de agosto) para manutenção da ferramenta, no dia 28/09/2020, a ferramenta *Teams* sofreu outra oscilação, decorrente de uma falha no sistema, o que repercutiu no contexto mundial, uma vez que a ferramenta

deixou de funcionar nos países em que esta é utilizada. Quando se depara com uma realidade dessa natureza, considera-se que o ensino ainda caminha em passos lentos. Nesse contexto de pandemia da Covid-19, espera-se que o professor esteja preparado para tal feito e isso nem sempre é algo que acontece, dadas as circunstâncias desse momento, bem como a rapidez em que ocorreu a passagem do ensino presencial ao ensino remoto.

Assim, pôde-se constatar que o recurso a plataformas digitais não basta para que o ensino se torne efetivo para a aprendizagem do aluno, sobretudo, quando não há uma maior preocupação com a formação docente. Em outras palavras, o recurso a ferramentas tecnológicas não é suficiente ao ensino de língua, e sim a aplicação de diferentes metodologias, que possa melhor explorar tais recursos, leva à construção do conhecimento e, ao mesmo tempo, propicia o protagonismo linguístico, quando do ensino de língua materna. A educação, sob essa perspectiva, deve privilegiar uma visão humanizadora, libertária, emancipatória, transformadora e transgressora. Nas palavras de Freire (1987, p. 102), “educação e investigação temática, na concepção problematizadora da educação, tornam-se momentos de um mesmo processo.” E ainda, “a nossa capacidade de aprender, de que decorre a de ensinar, sugere ou mais do que isso, implica uma habilidade de aprender a substantividade do objeto aprendido (...).” (FREIRE, 1997, p. 77).

REFERÊNCIAS

- CALVET, Louis-Jean. *As Políticas Linguísticas*. Florianópolis e São Paulo: Ipol/Parábola, 2007.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREITAS, Marco Túlio de Urzêda; PESSOA, Rosane Rocha. *Rupturas e continuidades na Linguística Aplicada Crítica: uma abordagem historiográfica*. Calidoscópico - Vol. 10, n. 2, p. 225-238, mai/ago, 2012.
- GRAMSCI, Antonio. *Concepção Dialética da História*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1981.
- GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. *A organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

LAGARES, Carlos Xoán. *Qual política linguística – desafios glotopolíticos contemporâneos*. São Paulo: Parábola, 2018.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Política linguística: do que é que se trata, afinal? *In* Nicolaidis, Christine - SILVA, Kleber Aparecido da.; Tilio, Rogério, ROCHA, Hilsdorf Claudia (orgs.). *Política e Políticas Linguísticas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013. p. 19-42.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e questão ética*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.